

CONSCIÊNCIA E DENÚNCIA: AS VOZES DO EU - LÍRICO/NARRADOR NO POEMA *A LÁGRIMA DE UM CAETÉ* DE NÍSIA FLORESTA

Graciele Felix Medeiros¹

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo discutir os elementos que caracterizam alguns poemas longos modernos como texto épico. Para tanto, observamos que a estrutura do poema épico modificou-se, originando outras categorias de análise, embora, tenha mantido em sua essência elementos primordiais da epopeia, os quais são o Plano Histórico e o Plano Maravilhoso, como base do Plano Literário desse gênero. Contudo, para corroborar a nossa ideia de permanência do épico na modernidade e para fundamentar a discussão, tomamos por norte a importância da Dupla Instância de Enunciação (Lírica e Narrativa), como categoria estruturante para a construção do texto épico moderno, destacando essa categoria como elemento principal para a composição do poema *A lágrima de um Caeté* de Nísia Floresta. A Dupla Instância de Enunciação é marcada no poema nisiano pela voz do Eu - Lírico/Narrador, o qual configura na obra o discurso épico e um diálogo entre a fala masculina e feminina, diálogo que é mais uma inovação do texto de Floresta em relação à epopeia clássica. A fala feminina está representada no contexto do poema em estudo pela personificação da Realidade, personagem que faz parte do Plano Maravilhoso da obra. Desta maneira, é a Realidade, ou seja, o ideal feminino quem guia o Eu - Lírico/Narrador, representado pelo índio Caeté, por um longo processo de reflexão e conscientização da nova condição do indígena do Brasil.

Palavras-chave: Épica; Dupla Instância de Enunciação; Nísia Floresta.

INTRODUÇÃO

A lágrima de um Caeté, obra de Nísia Floresta, foi publicada no ano de 1849 e traz para o contexto literário um olhar ousado e inovador em relação ao gênero épico e à imagem do “bom selvagem”, a qual foi propagada durante séculos tanto no espaço literário quanto no espaço civil da sociedade ocidental.

O poema nisiano possui elementos que o caracterizam como um texto épico; no entanto, esse poema foge à estrutura aristotélica em relação à definição do que vem a ser uma epopeia, segundo a qual, o poema épico é constituído por um Proêmio, que se divide em Proposição e Invocação, depois, temos a Narração e, por fim, o Epílogo encerrando a epopeia. O texto em estudo apresenta apenas a Narração e o Epílogo.

¹ Universidade Federal da Paraíba

Os elementos básicos da epopeia definiram esse gênero por muito tempo, logo, o poema épico deveria ter os moldes das epopeias gregas: com uma Proposição, que é a exposição do argumento do poema, isto é, o que seria narrado ou cantado. Por exemplo, a *Ilíada* canta a fúria funesta de Aquiles, já a *Eneida* canta os combates e o herói troiano, Enéias. Ainda no Proêmio, encontramos a Invocação, antes ou depois da Proposição, mas, antes da Narração. A Invocação funciona como um chamamento, um pedido à divindade para que conduza o poeta em sua empreitada, à produção da própria epopeia. Por isso, após o Proêmio, começa a Narração e em seguida, vem o Epílogo, isto é, o fechamento do poema. Entretanto, algumas epopeias foram interrompidas de forma abrupta e não têm um desfecho, é o caso da *Eneida* e da *Farsália*, as quais ficaram inacabadas devido à morte do poeta.

Todavia, essa estrutura clássica, desde as epopeias latinas, era empregada apenas de forma retórica. Desta maneira, esses textos ao longo do tempo foram se distanciando do que era definido como poema épico, então, este gênero literário foi considerado extinto em meados do século XVIII, tendo como representante moderno o romance. Porém, os poemas longos e com teor narrativo continuam sendo produzidos e difundidos por toda literatura mundial, apresentando em muitos casos elementos básicos da epopeia, como o Plano Histórico e o Plano Maravilhoso.

Assim, percebemos que ainda há em nossa literatura textos épicos, no entanto, esses não estão estruturados totalmente nos modelos clássicos, faltando alguns pontos, como Proposição ou Invocação, contudo, sem perder a essência da epopeia e as bases cruciais desse tipo de poema, como a Narração, o Plano Histórico, o Plano Maravilhoso e o Plano Literário.

Portanto, entendemos que a epopeia possui outros pontos que sustentam sua organização interna e que vão além da estrutura clássica, chegando a uma épica moderna, cuja fundamentação está, principalmente, no Plano Literário, como afirma Christina Ramalho,

O plano literário da epopeia envolve tudo o que, no plano da concepção criadora, revela os recursos utilizados pelo poeta ou pela poetisa para desenvolver a matéria épica em questão, considerando os seus planos histórico e maravilhoso e a fusão entre ambos; o heroísmo; a linguagem; e o diálogo (ou não) com a tradição épica, o que inclui a apresentação no texto de categorias como a divisão em cantos, a proposição, a invocação e a dedicatória. (RAMALHO, 2013, p.100)

O Plano Literário contempla todas as instâncias de produção da epopeia, e através dele, analisamos as categorias utilizadas no texto em estudo. Com isso, notamos que não podemos deixar de inserir um poema no gênero épico devido à ausência de um dos elementos estruturantes do poema épico, pois como vimos, muitos são os tópicos que formam uma epopeia, e o que define esse texto é a fundamentação do seu Plano Literário.

Conforme Ramalho,

[...] a epopeia, tal como a concebe a Semiotização épica do discurso [proposta semiológica desenvolvida por Anazildo Vasconcelos da Silva nos anos 80], é uma manifestação discursiva literária que se caracteriza, entre outros: pela dupla instância de enunciação, lírica e narrativa (encontram-se presentes no poema épico um Eu - lírico e uma voz narrativa); pela elaboração de uma “matéria épica”, resultante da fusão entre o referente real histórico e o mítico nela inseridos e representados, no texto, pelos planos histórico e maravilhoso; pela presença de um sujeito épico (herói ou heroína), que tem acesso tanto ao plano histórico quanto ao maravilhoso; e, finalmente, pela propriedade de relatar um percurso, uma viagem, espacial ou simbólica, a gerar o *mobilismo espacial* ou o *mobilismo virtual*, sempre metonímia do caminhar do ser humano pela vida. Além disso, toda epopeia será fruto de um plano literário que define as opções e as inventividades formais, além dos recortes mítico-históricos a serem enfocados. (RAMALHO, 2005, p. 19-20)

Portanto, a epopeia é o resultado de um conjunto de categorias que formam sua estrutura épica e sua intencionalidade. Dessa forma, compreendemos que para haver uma epopeia, é fundamental que ocorra uma intenção épica, e é essa intenção que identificamos através da voz do Eu - Lírico/Narrador em *A lágrima de um Caeté*. Essa voz do Eu - Lírico/Narrador surge da fusão da consciência do índio Caeté com a voz do narrador onisciente, unindo Plano Histórico e Maravilhoso na figura do próprio Caeté, construindo assim, o Plano Literário da obra e sua estrutura épica.

1. As Categorias Épicas em *A lágrima de um Caeté*

A lágrima de um Caeté é um poema longo, que podemos considerar como um poema épico tomando como base a teoria de Anazildo Vasconcelos da Silva, apresentada por Christina Ramalho (2005). De acordo com essa teoria, encontramos no texto em estudo, uma Matéria Épica com aspectos míticos e históricos, Dupla Instância de Enunciação, um Plano Histórico, um Plano Maravilhoso e um Plano Literário, além da presença do Herói Épico.

Contudo, a obra citada não é dividida em Cantos, como as epopeias tradicionais, porém está dividida em estrofes. O poema não apresenta Proêmio, Proposição nem Invocação. Logo, classificamos essas categorias seguindo a proposta de Ramalho (2013), como uma Proposição ausente e uma Invocação ausente. Observamos as categorias clássicas do poema épico e constatamos que em *A lágrima de um Caeté*, temos apenas a Narração e o Epílogo. Todavia, o poema em estudo apresenta em sua Narração estruturas pertinentes ao poema épico, as quais o definem como tal.

Dentre os elementos identificados nesse texto, ressaltamos que se trata de um poema longo, com liberdade formal e participação da voz lírica/narrativa, havendo uma interferência entre a história e o mito dentro do contexto da narrativa. O Plano Histórico está voltado para a Revolução Praieira, mas, contempla os principais eventos da história do Brasil até o momento da narrativa. Já o Plano Maravilhoso está centrado nas projeções idealizadoras feitas pelo próprio Caeté, projeções de Liberdade e Justiça.

Nísia Floresta dá voz a este índio que transita entre a categoria do Eu - Lírico/Narrador e o Herói. É através do Caeté que é desvelado o Plano Literário do poema, o qual, partindo de uma narração engajada, como diz Ramalho (2013), expõe um novo índio brasileiro. Esse índio não é mais um “bom selvagem” carregado de arquétipos do olhar do colonizador, ele é um ser novo, resultante das influências sofridas, que consegue sobreviver, salvando ele mesmo e toda sua nação. Nesse ponto, temos um herói coletivo, um personagem que representa um povo.

O poema inicia com versos decassílabos, refletindo a forma empregada na epopeia camoniana; todavia, na sétima estrofe, há uma alteração na versificação desse texto, que a partir dessa estrofe passa a ser heptassilábico, ou seja, conter sete sílabas poéticas. A sétima estrofe também vai marcar uma ruptura na narração do poema, o qual até então tinha um narrador onisciente, a partir da oitava estrofe se junta a esse narrador o Eu - Lírico personificado na figura do Caeté.

Com a narração do Caeté, conhecemos todos os eventos históricos ocorridos em Pernambuco desde a chegada dos portugueses até a Revolução Praieira. Este índio imprime ao texto uma narrativa transgressora, pois rompe com um discurso indígena submisso e se apresenta como um ser consciente dos seus direitos e de sua limitação, que age por vingança, e, para diante da Realidade pensando na sua condição atual. O fato de enfatizar o pensamento indígena demonstra uma inovação no poema de Nísia Floresta.

O texto em estudo é audacioso no que tange o herói épico, visto que apresenta dois heróis, como na *Iliada*, que canta a fúria funesta de Aquiles, mas narra a glória de Heitor, o qual cumpre a Jornada do Herói na epopeia homérica. Em *A lágrima de um Caeté*, o herói épico é Nunes Machado, cujos feitos são exaltados no poema; porém, o Caeté também é um herói, não um anti-herói por não cumprir sua vingança, um herói por conter a ânsia assassina e salvar a sua nação.

Entretanto, o Caeté já está vingado, isso é dito em algumas estrofes do poema, como por exemplo, na estrofe vinte e dois, quando ele diz

ESTROFE XXII

Dos Caetés os manes vingados estão!

Desse Camarão, também renegado,

Que bravo guerreiro a Fama apregoa,

O título de nobre lá jaz desprezado! (FLORESTA, 1997, p. 39)

O Caeté entoará este verso *Dos Caetés os manes vingados estão*, pelas estrofes vinte e dois, vinte e cinco, vinte e seis, vinte e sete e vinte e oito, cada vez que o verso é repetido o índio apresenta um fato histórico que mostra o sofrimento dos portugueses, enquanto algozes do seu povo. Esses fatos são momentos de luta, de submissão a outro povo, como ao poder da Espanha durante o período da União Ibérica, como as batalhas durante a invasão holandesa, enfim, o Caeté sente-se vingado em todos os momentos de destruição do seu opressor e mais, em algumas partes, escapa ao texto, o pensamento cristão do qual o indígena já está impregnado e, por isso, conta com a justiça divina, confiando que quem fere aqui também será ferido.

Logo, o herói não são apenas aqueles guerreiros das epopeias, mas é toda e qualquer pessoa que passa por uma jornada dividida em três momentos: separação – iniciação – retorno (CAMPBELL, 2007, p.36), ou também chamado de partida – realização – retorno (CAMPBELL, 1990, p.144). Logo,

Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes. (CAMPBELL, 2007, p.36)

De acordo com a teoria de Campbell (2007), o herói é qualquer pessoa que recebe um chamado para desencadear uma aventura ou uma jornada, a fim de superar suas capacidades e, dessa maneira, formar um novo ser, o próprio herói, que antes do chamado era apenas mais um ser humano. Além disso, esse chamado pode ser feito a qualquer pessoa, pois todos nós podemos vir a ser um herói.

Logo, entendemos que o Caeté completa o ciclo de sua jornada, saindo das margens do Beberibe (partida), chegando ao Recife e vendo as batalhas da Revolução Praieira, desencadeando a sede de vingança e conscientização de sua condição de novo ser (realização), e o retorno para as matas, indo à procura do Rio Goiana, de segurança para sua nação e sobrevivência dos Caetés.

2. O Eu - Lírico/Narrador

O Caeté, na oitava estrofe, passa a narrar a sua condição de oprimido, como também narra todos os episódios liderados pela ação do colonizador em suas terras. Entretanto, de forma consciente, expõe, na estrofe vinte e um, sua repulsa em relação ao invasor e a compreensão do que é o indígena, dizendo:

ESTROFE XXI
Indígenas do Brasil, o que sois vós?
Selvagens? os seus bens já não gozais...
Civilizados? não... vossos tiranos
Cuidosos vos conservam bem distantes
Dessas armas com que ferido tem-vos
De sua ilustração, pobres Caboclos!
Nenhum grau possuís!... Perdestes tudo,
Exceto de covarde o nome infame... (FLORESTA, 1997, p. 39)

O Eu - Lírico/Narrador desenvolve um raciocínio lógico sobre a real condição do indígena no Brasil de 1849. A condição em relação ao colonizador e em relação ao próprio índio, o qual já não o é, virá a ser outro, que para ele ainda é desconhecido, pois o Caeté luta todo poema contra sua nova condição, no entanto, ela já existe e ele não pode fugir de ser um silvícola.

Nas sete primeiras estrofes, há uma descrição do Caeté e do espaço geográfico que ele percorre – as margens do rio Beberibe – a partir da oitava estrofe o Eu - Lírico, representado pela figura do Caeté, passa a narrar primeiro sua situação de homem colonizado e, a partir da estrofe vinte e dois, ele começa a narrar os episódios históricos que minaram o colonizador, e a descrever características do índio e do português, estabelecendo uma comparação entre ambos.

Na estrofe cinquenta e sete, o Eu - Lírico faz uma Invocação ao Gênio da pátria, o deus protetor da pátria. Ele pede vingança pelos filhos da pátria. No entanto, temos dois estranhamentos em relação à sequência do poema que segue até este ponto, pois o Caeté invoca a divindade para vingar as vítimas do sofrimento causado pelo tirano,

porém, diferente das epopeias clássicas, essa não é uma Invocação como categoria do texto épico, a qual pedia à divindade que guiasse o poeta na produção do próprio poema. O outro ponto divergente é que, nesse momento, o Caeté reconhece os mártires da Revolução Praieira como filhos da pátria e vítimas de um tirano, não o seu tirano, mas um tirano que merece ser destruído. Desta forma, o Eu - Lírico/Narrador identifica, naquele que luta por justiça, uma irmandade.

O Eu - Lírico/Narrador, cuja vingança já tinha por obtida, ao ouvir os sons dos confrontos da Revolução Praieira, identifica-se com aqueles guerreiros e também quer guerrear. Todavia, ao ver o herói da revolução, Nunes Machado, morto, o Caeté sente, novamente, o desejo de vingança contra toda espécie de tirania.

Nunes Machado é coroado no poema como o Herói Épico. Ele é o herói que morre em combate e obtém a glória imperecível. Ao final do poema é anunciado que seu nome será lembrado por toda eternidade e será propagado por todo céu. Isso é a maior glória de um herói, ter o nome gravado para toda eternidade nos anais da história.

Contudo, o Caeté não tem o seu nome eternizado e teve o nome de povo roubado dos seus, ficando à margem de toda sociedade. Nesse momento do poema, na estrofe cento e oito, ocorre a influência do Plano Maravilhoso no Plano Histórico com o aparecimento da Realidade personificada na forma de mulher. Ela entra no espaço da narração e estabelece um longo diálogo com o índio, o qual impulsionado pela revolta perseguia a vingança.

Surge no poema uma mulher bela e gentil, a Liberdade. Há, portanto, um impasse. O Caeté deslumbrado pela Liberdade tende a lutar para vingar seu povo esquecido e o herói assassinado, contudo, preso pelas palavras da Realidade, é instigado a desistir dessa vingança, cujo objetivo não é mais seu, porque seu povo está perdido pelas matas, precisando ser liderado para sobreviver, nesse caso, a Realidade propõe ao Caeté não um ato de covardia, mas, aponta-lhe uma nova forma de lutar, que é mantendo a nação Caeté viva e a salva nas matas.

Desta forma, tomado pela consciência de sua nova condição e da nulidade de sua luta junto aos partidários de Nunes Machado, o Caeté percebe sua necessidade: sobreviver. A Realidade feia em sua face e dura em suas palavras guia o índio em sua viagem por sua própria consciência e reflexão. Nesse percurso, ele toma a decisão de salvar seu povo e, para salvá-lo, é preciso partir, porque ali, às margens do Beberibe,

esse povo já não existia. Ele parte para Goiana com a promessa de sobrevivência e com duas ações a serem realizadas, derramar sua lágrima e continuar vivo.

3. O Plano Literário na Obra de Nísia Floresta: Plano histórico e maravilhoso

O Plano Literário é o resultado de toda proposta que está inserida no poema épico, é a organização de todas as categorias empregadas na epopeia: Proposição, Invocação, divisão em Cantos, o uso da Linguagem Narrativa ou Oral, ou ainda mais Lírica, ou Híbrida e por fim, se há nessa Linguagem marcas de Alienação ou Engajamento Autoral.

Analisando *A lágrima de um Caeté*, vimos que não há a presença de Proposição, Invocação e nem de divisão em Cantos. Contudo, percebemos a presença de uma Linguagem Híbrida, sendo Lírica/Narrativa, e que há um Engajamento Autoral na voz do Caeté. No entanto, além disso, o que marca a composição do Plano Literário é a fusão entre o Plano Histórico e o Plano Maravilhoso.

A união entre os Planos Histórico e Maravilhoso ocorre de maneira explícita no poema, quando as personificações da Realidade e da Liberdade surgem no texto dando a este um caráter mítico. A fusão identificada tanto faz parte do Plano Literário quanto torna um tema local em um tema universal, como é o caso da opressão sofrida pelos povos indígenas diante do colonizador, e generalizando mais a temática, temos a opressão sofrida por qualquer grupo de pessoas diante da tirania. Isso é representado no texto pela identificação do índio Caeté com a causa da Revolução Praieira.

A junção do Plano Histórico e o Plano Maravilhoso é algo que se faz presente no texto de Nísia Floresta pelo Eu - Lírico/Narrador. O índio narra os fatos históricos, apresentando-os durante todo poema e, depois, dialoga com as personagens míticas, deidades que o guiam como as sacerdotisas guiavam o Herói Épico de Homero. O Caeté é o elo entre o tempo histórico e o tempo mítico da obra.

Essa fusão dos planos feita através do Eu - Lírico/Narrador é evidenciada nas seguintes estrofes:

ESTROFE CVIII

Metade do espaço transposto já tinha,
Quando de mulher vulto descarnado
De longe avistou... para ele vinha:
De triste cor era seu rosto afeiado.

ESTROFE CIX

- Pára, miserando, disse ela ao Caeté.
Os restos depõem de tanta bravura;
Encara-me atento... perderás a fé
Com que praticar vás uma loucura!
ESTROFE CX
O bravo selvagem atônito ficou...
- Quem é, lhe pergunta, infernal deidade?
- Uma visão de inferno não sou:
Sou cá deste mundo a Realidade.
ESTROFE CXI
Volta às selvas tuas, vai lá procurar
Alguns desses bens, que ali te hão tirado:
Não creias, ó mísero, jamais encontrar
A paz, a ventura que aqui tens gozado.
ESTROFE CXII
Este grande povo, que o nome tomou
De um pau simulando das brasas a cor,
Nascido na terra, que Deus te outorgou,
De seu bem só cura, não de tua dor.
ESTROFE CXIII
Em campo ei-lo agora com as armas na mão
Mas seja um partido, ou outro que vença
A tua ventura não creias farão!
São outros seus planos, outra a sua crença (FLORESTA, 1997, p.51-53)

Diante do evento ocorrido entre os Conservadores e Liberais que lutavam por seus ideais, e com a morte de Nunes Machado, o Caeté sente o desejo de juntar-se àquela luta, transferindo-lhe sua dor. No entanto, a imagem da Realidade o traz a consciência perdida, dizendo-lhe que o ato desejado é uma loucura, aquela luta não é dos Caetés e nem lhes fará justiça. Na verdade, a Realidade apresenta ao Caeté uma nova forma de resistência, a perpetuação e salvação do seu povo.

A partir desse momento, o poema funde o Plano Histórico com o Plano Maravilhoso através do diálogo entre o Eu - Lírico/Narrador, o Caeté, e a divindade personificada no texto, a Realidade. A discussão realizada entre o índio e a Realidade segue até o final do poema, quando o índio desiste da vingança e ouve o conselho da Realidade, seguindo para as matas, com o objetivo de salvar a nação Caeté.

4. A Discussão entre o Feminino e o Masculino no Poema

A voz do Caeté é configurada no poema pela narração do Eu - Lírico/Narrador e estabelece um diálogo com a personificação mítica da Realidade, cuja representação expõe a presença feminina na obra, e mais, expõe a voz feminina dentro do contexto da epopeia em análise, e do momento histórico brasileiro.

O discurso feminino é enriquecido em *A lágrima de um Caeté* por dois aspectos: primeiro, a personagem feminina é a própria divindade; segundo, é que a Realidade, através de seu discurso, modifica o destino do Caeté. Isso é uma ruptura com a épica clássica, visto que o herói tinha seu destino marcado pelos deuses. Ele poderia não aceitar sua jornada, contudo, não a modificaria como o faz o índio Caeté, mediante a influência da fala da Realidade.

Além desse contraste com as epopeias clássicas, o poema em estudo rompe com a insignificância da voz feminina. Em meio a um espaço masculino, que é o espaço histórico e mítico da obra em análise, espaço esse reconhecido por guerras, revoltas, combates e por um instinto de vingança de um herói coletivo, a fala feminina se perderia. Todavia, a imagem da Realidade não só dá importância ao pensamento feminino, apresentando-o como mais ponderado e comedido diante da força e instinto do pensamento masculino, entretanto há também uma energia superior no discurso feminino por esse ser a fala de uma deidade, que profetiza a “eternização” do nome do herói, Nunes Machado, e a perpetuação do povo Caeté.

As profecias da Realidade podem ser identificadas durante todo seu diálogo com o Caeté, quando ela o guia e mostra-lhe a inutilidade de sua vingança perante a luta do outro, informando ao Caeté que aquela luta não é mais sua, pois o destino de seu povo já fora traçado nos grilhões da injustiça e do despotismo.

A Realidade diz

ESTROFE CXI

Volta às selvas tuas, vai lá procurar
Alguns desses bens, que ali te hão tirado:
Não creias, ó mísero, jamais encontrar
A paz, a ventura que aqui tens gozado. [...]

ESTROFE CXIII

Em campo ei-lo agora com as armas na mão
Mas seja um partido, ou outro que vença
A tua ventura não creias farão!

São outros seus planos, outra a sua crença (FLORESTA, 1997, p.52)

Notamos como a Realidade destaca a distância entre os interesses do Caeté e os ideais da Revolução Praieira, ou melhor, da população brasileira como um todo. O diálogo entre a Realidade e o Eu - Lírico/Narrador segue dando forma ao diálogo entre o discurso feminino e o masculino respectivamente, enquanto as personagens expõem seus pontos de vista. Assim, chega ao fim do poema, quando o Caeté compreende sua condição de silvícola e aceita a orientação da Realidade, e a promessa de sobrevivência da nação Caeté.

ESTROFE CXXXVI

Mas tu, meu pobre Caeté,
Escuta a Realidade;
Busca as matas, lá somente
Gozarás da Liberdade,

ESTROFE CXXXVII

Que aqui terias
Talvez gozado,
Se todos fossem
NUNES MACHADO!
Dos pobres índios,
Que tanto amava,
Mudar a sorte
Também pensava!...
Mas ah! mui cedo
Se foi da terra!!
Teu pranto agora
No peito encerra.

ESTROFE CXXXVIII

E súbito o Caeté foi-se saudoso!
.....
Nas margens do Goiana agora expande
Sua dor!...

ESTROFE CXXXIX

- Goiana!... clama ele ali vagando,
Mais triste do que lá no Beberibe;
Onde está teu Herói? O filho teu!
- No céu...

ESTROFE CXL

- No céu... responde o eco! E sabe o mundo
Suas grandes virtudes; sabe a glória,
Que seu nome deixou, nome imortal
Na pátria!...

ESTROFE CXLI

E lá do Caeté
O triste pungir,
Com ele se foi
No céu confundir! (FLORESTA, 1997, p.56-58)

A lágrima do Caeté é derramada pelo herói assassinado, pela vingança perdida, no entanto, é enxugada pela promessa de vida. A Realidade conscientiza o Caeté de que ele é um herói coletivo, e que precisa salvar seu povo, para tanto é preciso primeiro manter-se vivo e a vingança desejada impossibilitaria sua existência, fadando-lhe ao mesmo destino de Nunes Machado, um destino glorioso, porém, contrário ao desejo de perpetuação da nação Caeté. Portanto, para manter seu povo é preciso ir para novos lugares e viver uma nova vida. No diálogo acima, entre a Realidade e o Caeté, é notório que o pensamento feminino é marcado pela organização e razão em comparação ao pensamento masculino, o qual é marcado, no poema, por instintos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que o poema épico é constituído por categorias clássicas, as quais o definem. Ao longo dos séculos, o texto épico sofreu muitas modificações, mas, não perdeu a sua essência, a matéria épica e sua intencionalidade, logo, a epopeia possui a intenção de ser epopeia. Essa essência permitiu a permanência dos poemas épicos na modernidade.

Por isso, encontramos em pleno século XIX, datando o ano de 1849, um poema como *A lágrima de um Caeté*. Como vimos esse poema é estruturado em uma Dupla Instância de Enunciação, Lírica e Narrativa, e em um Plano Literário composto de um Plano Histórico e de um Plano Maravilhoso.

Portanto, é por meio da voz do Eu - Lírico/Narrador, dessa Dupla Instância de Enunciação que essa epopeia se faz. Assim, entendemos que o poema nisiano desenvolve sua intenção épica, através da voz do Eu - Lírico/Narrador elemento crucial para o texto em estudo, porque, é por meio desse elemento, que ocorre a união entre o Plano Histórico e o Plano Maravilhoso, o diálogo explícito entre o discurso feminino e o masculino e a construção do próprio Caeté, um herói diferente, derrotado, que precisa fugir para salvar seu povo, porém, não um anti-herói.

REFERÊNCIAS

CAMPBELL, J. . *O herói de mil faces*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2007.

_____. *O poder do mito*. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

FLORESTA, N. *A lágrima de um Caeté*. Edição atualizada com notas e estudo crítico de Constância Lima Duarte. Natal: Fundação José Augusto, 1997.

RAMALHO, C. *Elas escrevem o épico*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2005.

_____. *Poemas épicos: estratégias de leitura*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Uapê, 2013.

VASCONCELOS DA SILVA, A.; RAMALHO, C. *História da epopeia brasileira: teoria, crítica e percurso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

WEBSITES

<<http://rfidbrasil.com/blog/index.php/conheca-a-historia-de-nisia-floresta-brasileira-pioneira-na-literatura/>> Acesso em 05/11/2013

<<http://www.lettras.ufmg.br/cesp/textos/%281999%2906-revendo.pdf>> Acesso em 09/03/14 às 22h